

■ Reconfigurando a noção de Formação Discursiva: deslocamentos produzidos a partir de um contraponto

ANA ZANDWAIS

Doutora em Linguística pela PUC-RS, docente dos Cursos de Graduação em Letras e Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Resumo: Buscamos, através deste artigo, colocar em destaque as concepções de formação discursiva (FD) propostas por Michel Foucault em Arqueologia do Saber, por Michel Pêcheux, em diferentes obras, e por Jean Jacques Courtine, notadamente, em Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos (2009), com o objetivo de caracterizar as condições em que a noção de FD é configurada a partir de estudos desenvolvidos por estes autores.

Palavras-chave: Formação discursiva. Exterioridade. Dispositivo analítico.

Abstract: Through this article we tried to point out the conceptions of discourse formation (Fd) proposed by Michel Foucault in 'L'Archeologie du Savoir', by Michel Pêcheux in different approaches, and by Jean Jacques Courtine, mainly in 'Analysis of Political Discourse: the communist discourse addressed to christians' (2009), with the aim of characterizing the conditions in which the notion of Fd. is configured in studies developed by these authors.

Key-words: Discourse formation. Exteriority. Analytical device.

Introdução

Este estudo visa a uma delimitação das condições a partir das quais a noção de formação discursiva é formulada como arcabouço teórico e dispositivo analítico, colocando em destaque as reflexões de três autores que rompem tanto com os pressupostos que a Linguística toma como base para definir seu objeto de estudo, como com as heranças formalistas e positivistas que tendem a minimizar os espaços próprios à produção de estudos que consideram os papéis da História e da subjetividade no tratamento da linguagem. É, pois, a partir de um contraponto entre reflexões de Michel Foucault, Michel Pêcheux e Jean Jacques Courtine em torno de um mesmo objeto – o discurso – que nos propomos a caracterizar as formas através das quais este objeto irá assumir contornos específicos, remetendo a materialidades de diferentes ordens.

1. Os fundamentos foucaultianos: escavando os subterrâneos da História

Se as questões exploradas por Michel Foucault, sobretudo em *Arqueologia do Saber* (2000)¹, constituem um marco importante nos domínios dos estudos filosóficos, é preciso reconhecer que, ao produzir um estudo arqueológico tratando da formação de conceitos, Foucault inscreve em seu projeto saberes dos campos epistemológicos da História e da Linguística, não somente desfragmentando suas relações com o campo epistemológico da Filosofia, mas também questionando, desconstruindo as bases dessas disciplinas, a tradição sobre as modalidades através das quais são pensados os acontecimentos históricos, entremeados a funcionamentos discursivos que podem ser explicados por suas formas de dispersão.

É desde esta ótica, pois, que a História das Ideias deixa de ser pensada, a partir de Foucault, como um domínio de continuidades ininterruptas, como um eixo de

¹ É importante observar que a primeira edição da obra *L'Archeologie Du Savoir* é publicada na França em 1969, podendo ser compreendida como uma reflexão madura em torno de questões epistemológicas também apresentadas em "L'Ordre Du Discours", que consistiu de uma Aula Inaugural proferida no College de France em dezembro de 1970.

sucessividades não-fragmentadas, não-sujeito a relações alineares, passando a ser compreendida, portanto, como um domínio de investigação sujeito, de forma permanente, a eixos de mobilidade e de transformação.

Interessa-nos neste estudo, sobremaneira, refletir sobre o modo como Foucault, para tratar da História das Ideias: a) passa a repensar a dispersão da História, aproximando acontecimentos dispersos que aparentemente seriam desconexos fora de uma relação com a noção de causalidade; b) questiona as formas de agrupamento, repartição e de regramento dos enunciados que constituem uma unidade discursiva.

É, portanto, a partir de tais reflexões que iremos estabelecendo pontos de contato entre as “inquietudes” que a obra de Foucault produz para os campos disciplinares da História e da Linguística, sobretudo, e algumas noções tomadas como centrais para a institucionalização, por Michel Pêcheux, da Análise do Discurso na França durante o final dos anos 1969.²

² Salienciamos que durante este período há, na França, uma efervescência muito grande em torno das relações entre a ordem do político e os estudos filosóficos.

Começamos, então, por destacar que ao tratar do objeto discursivo, no tocante às suas relações com a História, Michel Foucault (2000) observa que o discurso como unidade empírica, material, é uma unidade somente aparente, na medida em que se constrói a partir de um feixe de relações, de um campo complexo de discursos, constituindo, assim, “um sistema de remissões a outros discursos” como “um nó em uma rede” (FOUCAULT, 2000, p.26).

Ao focalizar, assim, o discurso como “um todo,” constituído por remissões que são, ao mesmo tempo, múltiplas e heterogêneas, Michel Foucault passa a configurar o que ele designa por unidade discursiva: uma unidade dispersa, cujo “volume material” estaria na dependência do modo como as remissões a que remete constituem um “efeito de unidade”.

É necessário que comecemos também a sublinhar, desde já, na obra de Michel Foucault, a importância que

a noção de efeito, já preconizada nas lógicas aristotélica e spinoziana³, assume para constituir a concepção de discurso como unidade empírica, uma unidade passível de um olhar analítico, caracterizada, por Foucault, enquanto efeito de determinadas contingências e dos conjuntos de regras que possibilitam formulá-las. Esta unidade empírica, por outro lado, na mesma medida em que se produz como efeito, pode ser entendida pelo viés de um tipo de operação: a operação interpretativa. Desse modo, para Foucault, as redes de remissões a que os enunciados, configurados como nós em redes, fariam referências passam a ser suscetíveis de serem outras, de se constituírem de formas diferentes a partir das (re) interpretações realizadas a fim de que sejam constituídas.

É desde esta ótica, segundo nosso ponto de vista, que Foucault pode ser considerado o precursor de uma concepção de discurso não estruturalista, na medida em que ele rompe até mesmo com o determinismo de uma concepção de História voltada para uma relação inescapável de continuidades, a partir das quais todo já dito, todo já vivido estaria condenado a ser compreendido como eterna repetibilidade.⁴

Ao pensar, portanto, as condições de funcionamento do objeto discursivo, a partir de determinadas relações que se configuram, ao mesmo tempo, por serem contínuas e regulares e descontínuas ou dispersas, é que Foucault irá caracterizar a heterogeneidade desse objeto, asseverando que pela apropriação dos modos de formação dos saberes de que falam os discursos e das modalidades enunciativas das quais estes se servem é que se poderia configurar o objeto discursivo como “um volume material” empírico. É, pois, desde esta ótica que Foucault irá caracterizar o discurso como um objeto concreto de investigação.

A forma de questionar o determinismo da repetibilidade da História⁵ sobre o discurso, por outro lado, não se resume, para Foucault, em mobilizar os sistemas de regularidades, de cortes, de fronteiras e de

³ Queremos dar destaque a esta noção, na medida em que, desde a lógica aristotélica proposta em *Tópicos: Organon* (1987) até a lógica spinoziana proposta em *Tratado Teológico-Político* (2003) é justamente a noção de efeito que irá caracterizar diferentes modos de relação entre argumentos e predicados, e, portanto, os modos de caracterização dos atributos conferidos ao sujeito.

⁴ Fazemos referência, aqui, a uma visão determinista de História que emerge, sobretudo, nos primeiros escritos de L. Althusser (1999), ainda que este autor retome conceitos marxistas a fim de repensá-los.

⁵ Cabe, aqui, colocar em destaque o fato de que esta seria uma forma de crítica a uma concepção marxista ortodoxa de História, a qual Etienne. Balibar remete em *A Filosofia de Marx*, onde o autor observa que “[...] a História avança, e que ela não é, segundo Macbeth, a narrativa de um idiota, ruidosa, frenética e desprovida de sentido” (1995, 117).

descontinuidades que presidem uma unidade discursiva. Assim, por entender que se há uma unidade discursiva, esta precisa ser pensada tanto em termos de suas sistematicidades, de seus protocolos e experiências, a partir dos quais os objetos são observados, como a partir dos modos de reformulação e transformação dos objetos e conceitos de que trata, é que Foucault irá definir a unidade discursiva não como um objeto acabado, mas como uma formação; ou seja, como um objeto em permanente condição de devir.

Uma outra condição que, segundo nossa ótica, torna-se fundamental para que se discuta o funcionamento da noção de formação discursiva, com base no modo como ela é proposta em *Arqueologia do Saber*, diz respeito à relação que o autor estabelece entre formação discursiva e acontecimento.

Ao propor a necessidade de se pensar o discurso, não mais como um objeto acabado, mas sujeito a constantes reformulações, transformações, em virtude do modo como ele é afetado pelas condições que o delimitam “no jogo de sua instância de emergência” (2000, p.28), Foucault passa a tratar da formação discursiva como um conjunto que, sendo heteróclito, funcionando como um recorte, pelos conjuntos de saberes que compreende, é também afetado tanto por contingências externas como por regras. Assim, a convergência entre aquilo que rompe com a linearidade dos saberes e dos dizeres e os jogos de regras que remetem para leis de enunciação, de formulação e de repartição dos enunciados é que permite, ao autor, caracterizar as condições de individualização das formações discursivas.

Parece-nos ser justamente a convicção de Foucault (2000, p. 21), de que somente os conteúdos históricos podem permitir recuperar a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que os ordenamentos funcionais ou as ‘organizações sistemáticas’ têm por fim mascarar, e que lhe permitem questionar as ‘coerências funcionais’ ou as ‘sistematizações formais,’ que possibilitam observar

uma proximidade maior entre Michel Pêcheux e Michel Foucault, ainda que por percursos distintos.

Assim, se Michel Foucault irá, de certa forma, questionar a noção de ideologia, tal qual ela é pensada na obra de Marx⁶, deslocando suas relações dialógicas com os modos de apreensão, pelos sujeitos, de suas relações de produção, para os domínios de investigação das práticas sociais no interior das instituições, Michel Pêcheux, ao contrário, irá propor uma articulação entre uma Teoria das Ideologias e a História já desde 'Remarques pour une théorie générale des idéologies'(1967).⁷

Pêcheux busca, assim, caracterizar, a partir de pressupostos marxistas e leninistas, os modos através dos quais as relações de produção, nas sociedades socialmente estratificadas, produzem/reproduzem os saberes que permeiam as relações entre os agentes e os bens de produção, quer sejam materiais ou simbólicos.⁸

Cabe dar destaque, em relação ao percurso de Michel Pêcheux, ao fato de que tomar o princípio de "unidade discursiva" como uma formação, implicava, desde o início, para Pêcheux, a realização de um projeto que, segundo nossa ótica, viria resgatar o objeto discursivo como um objeto articulado a uma exterioridade. Mas uma exterioridade distinta daquela a que os estudos linguísticos de praxe eram submetidos. Fazemos referência a uma exterioridade histórica que estaria pautada, notadamente, em fundamentos marxistas, compreendidas aí as condições históricas de produção dos discursos, suas relações de causalidade, de determinação, bem como seu funcionamento dialético.

Tratar com a noção de formação discursiva, por outro lado, também implicava não somente responder a uma importante demanda no âmbito de uma teoria articulada em torno de pressupostos materialistas, questões enunciativas e discursivas, mas também, suprir uma importante lacuna no interior da teoria althusseriana, que, objetivando dar conta do funcionamento empírico

⁶ Reportamo-nos, sobretudo, à leitura que Marx e Engels produzem em torno da noção de ideologia em *A Ideologia Alemã* (2008).

⁷ Estamos trabalhando neste estudo com a tradução de Eni Orlandi elaborada em 1995.

⁸ É importante observar que, à semelhança de L. Althusser (1999), quando trata das diferentes formas de ação dos aparelhos de Estado, e de Pierre Bourdieu (2002), sobretudo quando este reflete em torno do poder simbólico, Michel Pêcheux irá para além de uma reflexão sobre as relações entre o funcionamento das ideologias e as correlações de forças a partir das relações de antagonismo entre as classes.

⁹ Para Pêcheux a identificação plena entre discurso e ideologia viria ao encontro dos pressupostos de Hegel, já tomados como idealistas por Marx, e também criticados por Althusser.

¹⁰ Fazemos referência ao texto "A Propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas", publicado em GADET, F; HAK, T. *Por Uma Análise Automática do Discurso* (1990).

da concepção de ideologia, retira-a de sua abstração, de sua condição metafísica, e confere à noção de formação ideológica um estatuto operacional concreto. Assim, se para Althusser (1999) as materialidades das formações ideológicas concretizam-se no funcionamento dos aparelhos ideológicos e no modo como estes interpelam os sujeitos, constituindo um conjunto complexo de representações que se referem a posições de classe em conflito, para Pêcheux (1975, p.233), na medida em que ideologia e discurso não se recobrem mutuamente⁹, o discurso precisa ser entendido não somente como um dos aspectos materiais da ideologia, mas como um componente da formação ideológica que, por estar sujeito a condições de produção específicas, configura-se como processo e não como produto. Eis aqui uma relação concreta de engajamento entre a ideia de ciência como uma produção constituída pela hibridéz, já que Pêcheux também se filia à não-separação, já proposta por Lênin (1986), entre ciência e ideologia, situando a noção de discurso como um processo atrelado, simultaneamente, à História e ao devir.

Tais considerações já nos permitem esboçar as bases de uma feição específica que Michel Pêcheux e Catherine Fuchs (1975)¹⁰ irão conferir à noção de formação discursiva (Fd) e que, segundo nossa ótica, adquire uma importância capital na obra de Pêcheux, na medida em que, ao estar articulada à noção de formação ideológica (FI), a noção de formação discursiva possibilita que reflitamos tanto sobre as relações dialéticas entre o campo da práxis e os domínios discursivos, como sobre as relações contraditórias passíveis de serem estabelecidas no interior das formações ideológicas (FI) e que podem ser representadas, no objeto discursivo, por diferentes Fds.

É no tocante às relações que as FI mantêm com as Fd, portanto, possibilitando às formações ideológicas comportarem várias formações discursivas (PÊCHEUX,

1975, p. 166), que se pode caracterizar, de modo concreto, uma das formas através das quais Michel Pêcheux transpõe o funcionamento da categoria da contradição, proposta por Marx, para o âmbito concreto das relações entre a sociedade e a linguagem.

Pêcheux serve-se do exemplo da instituição religiosa na Idade Média, que interpelava os indivíduos em sujeitos de religião católica por meio de práticas religiosas e de construções discursivas que responderiam a interesses distintos: a) à manutenção da condição de hegemonia dos senhores feudais; b) à necessidade de cultivar o espírito de subserviência, por meio do baixo clero, no campesinato, etc. Podemos, entretanto, ilustrar também tais relações de contradição no interior das alianças entre instituições partidárias que passam a abrigar “coletivamente” formações discursivas (Fd) pautadas em interesses contraditórios e até mesmo antagonísticos para fins exclusivamente eleitorais, nas novas organizações sindicais¹¹, que se estruturam, “modernamente,” defendendo os interesses dos trabalhadores e do patronato e governantes ao mesmo tempo¹², e, por fim, no interior de novas instituições religiosas que interpelam os sujeitos a partir de saberes que remetem a Fd distintas como ocorre com determinadas instituições evangélicas.¹³

Podemos, assim, afirmar, a partir das considerações acima, que é levando em conta as dificuldades que devem ocorrer no trabalho de caracterização “de fronteiras reais entre objetos reais” (PÊCHEUX, 1975, p.168) que Pêcheux estabelece relações de confluência entre formações ideológicas, formações discursivas e condições de produção, caracterizando o modo como o funcionamento da categoria da contradição passa a distanciar os estudos da linguagem, da “obsessão classificatória” que seria própria de teorias linguísticas, não obstante ele próprio não ter conseguido, durante seus escritos de 1969, livrar-se da obsessão de buscar procedimentos de tratamento

¹¹ Queremos dar destaque aos fatos de estas organizações, na medida em que não se opõem a políticas neo-liberais, também não se opõem às perdas sofridas pelos trabalhadores, tais como desindexação salarial, aumento de percentual de trabalhadores sem direitos trabalhistas e privatização da seguridade social.

¹² Esta prática “ecclética” e, sem dúvida, escandalosa, já havia sido alvo de duras críticas por parte de L. Althusser em um capítulo intitulado “Os Aparelhos Ideológicos de Estado Político e Sindical” em *Sobre a Reprodução* (1999).

¹³ Fazemos referência, notadamente, às Igrejas Universais que interpelam os indivíduos a partir da promoção de rituais e de saberes das Fd católica, judaica e umbandista, congregando todos em um mesmo ritual que se discursiva de modo a possibilitar a inclusão de sujeitos de diferentes credos no interior da instituição (FI).

automático para as sequências discursivas constituintes dos corpora a que ele se propunha a analisar.¹⁴

Por outro lado, podemos observar que, mesmo mobilizando-se em favor de um tratamento formal de dados, Pêcheux consegue, sobretudo a partir de 1975, intervir também no “imobilismo da História” tal como ela é pensada a partir de leituras ortodoxas marxistas que não conseguem escapar do âmbito das relações de produção\reprodução, ao tratarem das formas de dominação nas relações de produção. Esse tipo de obsessão é que, segundo nossa ótica, viria a empobrecer as reflexões em torno da obra de Marx.

¹⁴ Um exemplo concreto das referências que fazemos acima pode ser ilustrado por meio da análise realizada com J.Wesselius e Pêcheux “A Respeito do Movimento Estudantil e das Lutas da Classe Operária: 3 organizações estudantis em 1968”, publicado em *História e Linguística* (ROBIN, Régine, 1977).

Parece-nos, pois, de modo concreto, que é em *Les Verités de La Palice* (1975)¹⁵ que Michel Pêcheux irá tratar das relações de reprodução\transformação, atribuindo um papel realmente orgânico à noção de formação discursiva, na medida em que esta passa a ser caracterizada não somente pelo modo como se articula às FI, de forma contraditória, mas também por estar, ao mesmo tempo, permeada por uma mobilidade de saberes que podem ser representados por posições-sujeito distintas no interior de uma mesma Fd.

¹⁵ Para fins de realização deste estudo trabalhamos com a versão brasileira *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, publicada em 1988.

Para Pêcheux, desde esta ótica, “seria absurdo pensar que, numa conjuntura dada, todos os aparelhos de Estado contribuem de maneira igual para a reprodução das relações de produção e para sua transformação” (1988, p. 145), a fim de manter a sua reprodução em cada “região ideológica”.

Cabe aqui lembrar que Althusser (1999) explora o funcionamento dos aparelhos ideológicos de Estado, buscando configurar, através da observação do funcionamento destes, como se produzem\reproduzem as relações de alienação dos sujeitos em relação aos seus próprios modos de produção. O que ocorre durante essa trajetória, no entanto, é que Althusser não consegue aprofundar uma reflexão em torno das relações desiguais que permeiam estes aparelhos e, por isso, não poderia ter

contribuído para a investigação sobre o modo como as relações que se reproduzem, também podem contribuir para que ocorram transformações.

O trabalho intelectual, portanto, de responder a lacunas deixadas nas leituras ortodoxas de seu mestre, Louis Althusser, em torno das relações desiguais e de transformação, e ao mesmo tempo de distanciar-se do modo como Althusser reflete sobre a “captura” do indivíduo que se reconhece como sujeito, será aprofundado por Pêcheux a partir da maneira como ele inscreve o funcionamento da contradição como uma força que tanto atua de modo permanente no interior das FI e a partir de suas relações com a Fd, como permite explicar outras modalidades de subjetivação do sujeito que vêm corroborar para a caracterização da heterogeneidade da noção de Formação discursiva.

Se para L. Althusser a interpelação do indivíduo como sujeito pode ser descrita como um processo de assujeitamento “livremente consentido” no qual o sujeito se reconhece em face das determinações históricas que falam dele, para Pêcheux (1988), na medida em que não haveria ritual sem “falhas,” a relação do sujeito com as Fds a partir das quais se reconhece, que podem ser de dúvida, de questionamento, de contestação dos saberes destas Fds, vem a caracterizar novas possibilidades de relação do sujeito com as Fds, e, desse modo, novas formas de produção de sentido, que lhe permitem re-simbolizar o já simbolizado. Eis aí o trabalho orgânico da História.

Parece-nos, desta forma, que é justamente em torno de tais questões que Pêcheux desconstrói as hipóteses de seu mestre, reconfigurando, por fim, tanto o entendimento das relações do sujeito com a forma-sujeito, como o funcionamento das modalidades de subjetivação do sujeito e de suas formas de relação com as determinações históricas que o afetam.

É o próprio Pêcheux (2009, p. 21)¹⁶ quem traduz o paradoxo da Análise do Discurso que pode ser observado

¹⁶ Reportamo-nos ao texto “O Estranho Espelho da Análise do Discurso”, que prefacia a Tese de Doutorado de Jean Jacques Courtine *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* apresentada em 1980 na Universidade de Paris-Nanterre, também traduzido para a Língua Portuguesa (2009), conforme consta nas referências ao final deste texto.

¹⁷ É importante salientar que Antonio Gramsci desenvolve uma reflexão ímpar acerca do papel da hegemonia no interior de uma sociedade dividida em classes, refletindo, ao mesmo tempo, sobre uma concepção dialética de História. Por outro lado, suas reflexões em torno das relações entre linguagem, História e política precisam ser concatenadas a partir de *Cadernos do Cárcere* (2011).

¹⁸ Reportamo-nos ao próprio enunciado de Pêcheux “Já era hora de começar a quebrar os espelhos”, o qual remete a uma leitura crítica do autor em torno da cegueira e da surdez dos analistas de discurso frente aos seus objetos de investigação na apresentação da Tese de Doutorado de Jean Jacques Courtine.

¹⁹ Fazemos referência à tradução brasileira da Tese de Doutorado de 3ème cycle “Quelques Problèmes Théoriques et méthodologiques em Analyse du Discours.: a propôs du discours communiste adresse aux chretiens apresentada em Paris-Nanterre, 1980.

na prática indissociável da reflexão crítica que a AD precisa fazer. Por um lado, precisa refletir em torno da evolução problemática das teorias linguísticas. Por outro, sobre as transformações no campo político-histórico, de tal modo que a noção de Formação discursiva (Fd) somente poderia funcionar alicerçada, ao mesmo tempo, em materialidades históricas, enunciativas e linguísticas. Não obstante todas as discussões realizadas até o momento e que nos parecem importantes para pensar sobre o modo como a noção de Fd, na obra peuceuxtiana, toma uma feição distinta daquela proposta por Foucault e, ao mesmo tempo, vem contemplar aspectos lacunares no interior de teorias filosóficas de base dialética, como a de Gramsci¹⁷ e de L. Althusser, é importante salientar que a obra de Michel Pêcheux também precisa ser olhada pelo viés de suas lacunas. E, segundo nosso ponto de vista, uma das melhores leituras em torno destas lacunas pode ser identificada através das reflexões feitas por Jean Jacques Courtine.

Essa necessidade de repensar lacunas e até mesmo de se repensar, entretanto, parece não ser avessa também à postura do próprio Pêcheux, na medida em que este, ao prefaciar *Análise do Discurso Político* (2009), de Jean Jacques Courtine, questiona-se a respeito dos procedimentos (dispositivos artificiais de leitura, contagens lexicais, análises sintáticas) que serviriam à ilusão de que a Análise do Discurso viria a exorcizar faltas próprias da evolução problemática das teorias linguísticas. Assim, a “quebra dos espelhos”¹⁸ assume um papel simbólico na própria leitura de Pêcheux.

Jean Jacques Courtine (2009)¹⁹, em *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos Cristãos*, inicia suas reflexões situando, em primeiro lugar, obras tais como *Análise Automática do Discurso* (1969) e *Les Verités de la Palice* (1975), de Pêcheux, como obras fundamentais, capazes de dar sustentação a uma leitura comparada que viria a configurar contrapontos, tentativas

de discussão, de redefinição e de reconfiguração das propostas teóricas e metodológicas apresentadas ao longo da produção de Pêcheux.

Já na abertura de sua tese, Courtine coloca em destaque uma inquietação que o mobiliza: esta diz respeito ao papel que a intervenção das ideias marxistas assumem nos domínios da Análise do Discurso, mas não simplesmente como um “projeto voluntarista” que consistiria em substituir o trabalho da contradição, sobretudo, por “uma versão de esquerda de interdisciplinaridade” articulada à Linguística e a uma teoria freudiana do sujeito (Courtine, 2009, p. 35).

Para Courtine, desse modo, se a Análise do Discurso está ligada a pressupostos marxistas, estes precisam ser definidos em termos de prioridade: a) pela primazia da contradição sobre a luta dos contrários; b) por posições determinadas na luta ideológica de classes; c) pelo caráter desigual a que a contradição remete, já que, segundo ele, a contradição não irá trabalhar de forma independente. Ao contrário, constitui um princípio teórico que intervém na representação do real histórico” (COURTINE, 2009, p. 35). Pode-se dizer, assim, que ela própria se constitui em objeto de análise que permite configurar tanto as formas de subjetivação do sujeito como as condições sob as quais as formações discursivas tornam-se heterogêneas em seu funcionamento empírico.

Desde esta ótica, para Courtine, a concepção de discurso não pode ser apreendida como objeto a priori, sendo construída com base na observação do funcionamento empírico de diferentes materialidades que corroboram para a caracterização do objeto discursivo como processo sujeito ao real histórico, à memória discursiva e aos modos de enunciação e formulação de saberes que o constituem como objeto empírico.

Da mesma forma, para o autor, se a AD não adota a postura de tratar de “um sujeito do discurso”, são as diferentes posições-sujeito trabalhando, de modo

simultâneo, no interior de uma Fd que nos remetem para o funcionamento concreto da contradição, constituindo, ao mesmo tempo, modalidades da relação do sujeito universal com o sujeito da enunciação. Modalidades estas que nos permitem refletir sobre a permanente relação de tensão em que os sentidos se produzem como efeitos do engendramento da materialidade histórica nas formas de autorreconhecimento do sujeito e de estruturação\ formulação de seu dizer.

Torna-se importante também salientar que para Courtine (2006b), se a aceitação da disciplina de AD na França coincide com as expectativas dos intelectuais, durante os anos 1970, na medida em que ela está centrada em torno de temas políticos, isto se deve não somente à crise política vivida à época pelos intelectuais franceses, mas também ao esgotamento dos paradigmas estruturais e formalistas adotados pela Ciência da Linguagem.

Assim, para Courtine, se tomados estes aspectos como pontos positivos que favorecem o percurso de evolução da AD na França, por outro lado, a dominância de procedimentos de cálculos estatísticos aplicados à materialidade dos discursos centrados em torno de temáticas políticas, aliada a uma não-correspondência no aprofundamento de pressupostos (filosóficos, sociológicos, antropológicos) que permitiriam refletir com maior profundidade tanto a respeito do discurso como do sujeito político, nos remete para aspectos de fragilidade da AD.

De acordo com o autor, não somente seria necessário aprofundar as relações entre os fundamentos teóricos capazes de explicar os modos de articulação entre o funcionamento do político e a linguagem²⁰, já que o político não somente é o ponto de condensação entre a linguagem e a ideologia" (COURTINE, 2009, p.64), mas também permite refletir com maior profundidade sobre os pontos de contato entre o modo como o sujeito político assujeita-se a determinadas condições históricas de determinação das posições que este assume, com as quais

²⁰ É importante dar destaque ao fato de que em *Semântica e Discurso* (1988, p.16) Pêcheux reflete em torno de todo processo de "engessamento" da massa crítica do Partido Comunista durante o regime stalinista, bem como sobre as consequências que estão implicadas nos campos filosófico e linguístico, em termos de possibilidades de investigações reais sobre as relações entre linguagem e ideologia.

se contradiz, se afronta, em condições de desigualdade, de luta e de correlações de força, já que as molas propulsoras da condição do político, desde uma ótica marxista, seriam as relações desiguais entre as classes e a própria luta de classes, originaria diferentes formas de alteridade nos modos de produção das relações sociais, e dos diferentes campos de conhecimento científico, de produção cultural, etc.

Uma outra questão que demanda uma leitura crítica diz respeito ao modo como são postuladas as relações entre o interdiscurso “[...] que serve como material discursivo original” (COURTINE, 2009, p. 69) e os saberes que circulam no interior de uma Formação discursiva. Segundo Courtine, na mesma medida em que todo enunciável precisa ser considerado a partir de sua exterioridade, pois é ela que afeta os sujeitos e as condições em que os sentidos são produzidos no interior das Fds, esta exterioridade não teria sido concretamente explorada por Pêcheux, enquanto condições de produção que possibilitam o acesso ao interdiscurso. Deste modo, para Courtine, o próprio gesto de interpretação inicial de Pêcheux, ao considerar as condições de produção dos discursos estáveis, valorizando simplesmente o “já dito”, sem considerar como as contingências dos próprios acontecimentos intervêm na estabilidade do “já significado”, acabaria por determinar um processo de homogeneização do discurso, em que a História não caberia de forma plena, em que a homogeneização dos corpora discursivos não daria conta do trabalho dos sentidos na linguagem, e, em consequência, redundaria no próprio fechamento da noção de formação discursiva que apareceria despossuída de heterogeneidade.

Por fim, é importante considerar o fato de que é justamente em virtude de uma leitura mais comprometida com os domínios da práxis, no sentido marxista que esta noção vem a assumir²¹, - que Jean Jacques Courtine consegue repensar quais seriam alguns dos objetos reais

²¹ É importante retomar o fato de que para Karl Marx (2008) seria a realidade a comandar sempre o conhecimento e não o contrário. Esta questão que parece simples, entretanto, muitas vezes tem sido colocada em segundo plano no âmbito dos estudos acadêmicos.

da AD, se pensada como uma disciplina que precisa focalizar, sobretudo, seu olhar sobre as práticas sociais e as formas de discursividades que lhes correspondem em suas contradições.

Tais reflexões o levam a investigar: a) o corpo em sua materialidade, seus efeitos simbólicos e suas relações com os modos de ordenamento social e com as construções imaginárias de corporeidade; b) os discursos políticos como verdadeiras pantomimas²² que, confundindo a vida pública com a privada, a realidade com a ficção, pela repetição, se tornam ao mesmo tempo objeto de sátiras e de riso; c) os discursos midiáticos como espetáculos que, respondendo a modelos de “alteridade” a serem construídos com vistas à produção de novos “estilos” de diálogos, debates, narrativas sem memória, sem testemunhas, sem abertura de espaços de interpretação, fabricam um novo imaginário de imprensa, a partir do qual é preciso ao mesmo tempo “pacificar” as mentes, e desviar sua atenção para os corpos. Enfim, ao tratar das novas formas de materialização dos discursos que circulam entre a infraestrutura na modernidade, Courtine explora as condições em que são produzidas não somente as construções imaginárias de linguagem e discursividade na sociedade atual, mas também as formas de alienação produzidas através destes discursos e seus efeitos sobre os processos de produção de sentidos entre as diferentes classes que, mesmo sendo desiguais, precisam ser massificadas para que as práticas de resistência e de enfrentamento contra as superestruturas econômicas e políticas não se imponham como formas de produção de outras consciências (dissonantes) capazes de desafiar todos os saberes que precisam ser aceitos como “patrimônios” das sociedades capitalistas.

²² Fazemos referência, notadamente, à *A arte da mentira política* (2006a) onde Courtine produz um ensaio sobre a reflexão satírica de Jonathan Swift acerca das lições de Maquiavel.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

ARISTÓTELES. *Organon: Tópicos*. Vol. V. Tradução Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1987.

BALIBAR, Etienne. *A filosofia de Marx*. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COURTINE, Jean Jacques. Análise do discurso político. O discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. Cristina Campos Velho Birck et al. São Carlos: Ed EDUFSCAR, 2009.

COURTINE, Jean Jacques. *Arte da mentira política – precedido pelo texto “O mentir verdadeiro”*. Tradução Mônica Zoppi-Fontana e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2006-a.

_____. *Metamorfoses do discurso político*. Derivas da fala pública. Tradução Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2006b.

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques em analyse du discours, à propôs du discours communiste adresse aux chrétiens. Thèse de Doctorat de 3^o cycle de linguistique. Paris X-Nanterre, 1980.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. Tradução Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GADET, F. HAK, T. *Por Uma Análise Automática do Discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. vol.1. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LÊNIN, V.I. *Obras escolhidas*. Trad. Instituto de Marxismo-Leninismo São Paulo: Alfa-Ômega, v.1, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PECHEUX, Michel. O Estranho Espelho da Análise do Discurso. Prefácio. In: COURTINE, Jean Jacques. *Análise do discurso político*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009, p. 21-26.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F., HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania Mariani ET al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990, p.163-252.

PÊCHEUX, Michel; WESSELIUS, J. A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária. In: ROBIN, Regine. *História e lingüística*. Tradução Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1977, p.263-280.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.

_____. *Hacia El análisis automática Del discurso*. Madrid: Gredos, 1975.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

PÊCHEUX, Michel.(1967) Observações para uma teoria geral das ideologias. In: *Revista Rua*, nº1. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1995, p.63-89.

[Recebido em 30 de julho de 2012
e aceito para publicação em 15 de setembro de 2012]